

Caxias e a Contra-Insurreição

**Paralelo entre a Ação Pacificadora de Caxias e
a Atual Doutrina de Contra-Insurreição**

Maj Inf QEMA
FILADELFO REIS DAMASCENO

Conferência pronunciada no Gabinete Português de Leitura em Salvador, durante as comemorações da Semana do Exército em 1972.

1 — INTRODUÇÃO

Provada a impossibilidade de apreciar a obra de Caxias nos limites estreitos de uma conferência e também consciente de que é o vulto brasileiro mais estudado, abordaremos um único aspecto de sua extraordinária atuação, sob ângulo, senão original, pelo menos atual e muito pouco conhecido. Colocando de lado o seu magnífico desempenho na Guerra Externa, objeto de numerosos e brilhantes estudos, enfocaremos o seu papel como Pacificador, que tanto contribuiu para a Unidade Nacional.

O título de nossa palestra, "Paralelo entre a Ação Pacificadora de Caxias e a Atual Doutrina de Contra-Insurreição", insinua a tese que desejamos comprovar: a de que o Patrono do Exército empregou todos os princípios de Contra-Insurreição utilizados nos dias atuais pelos principais países do mundo.

Para melhor situar o problema, faremos inicialmente algumas considerações gerais sobre a Insurreição e a Contra-Insurreição e, também, uma síntese do quadro político em que

dores e liberais. Convém esclarecer, todavia, que, no âmago dos estatutos e princípios dos dois partidos não havia discordâncias incontornáveis. Na prática, porém, os liberais eram mais descentralizadores, defendiam a autonomia das províncias e municípios e tinham um cunho muito mais reformista.

O período regencial, propiciando o "eclipse da pessoa real", vai se caracterizar pelo enfraquecimento do poder central e pela disputa da hegemonia política por parte de ambos os partidos. Nessa situação, os repetidos abusos cometidos por liberais e conservadores no manejo do poder vão determinar a exaltação dos ânimos, o agravamento dos problemas regionais, o eclodir de inúmeras insurreições. No Norte, no Centro e no Sul, os rebeldes reagem de armas na mão contra o Império, ameaçando, como em nenhum outro período de nossa história, a própria Unidade Nacional.

É neste quadro complexo, de interesses em conflito, perturbado pelo clima emocional da paixão partidária, que Caxias é chamado a atuar. Atentemos desde logo para a dificuldade e magnitude da tarefa que lhe foi confiada pelo Império: para pacificar insurreições liberais, onde a tônica era a exacerbação dos espíritos e o rancor político, enviava-se um conservador, por longa tradição familiar.

3. α — Princípios Estratégicos

Passaremos a apresentar, a seguir, os princípios da Contra-Insurreição, confrontando-os de imediato com a sua aplicação por Caxias.

3.a.1 — *Princípio da Primazia do Político*

O objetivo principal do rebelde é sempre a conquista do poder, embora o disfarce em bandeiras de luta subjetivas e humanísticas, como liberdade, justiça e bem-estar social. Acima de tudo, o que se encontra em jogo é o regime político e a manutenção do poder ou conservação do regime são problemas essencialmente políticos. Essa consideração afetará todas as medidas de contra-insurreição postas em prática e influenciará até mesmo o emprego dos meios militares.

EMPREGO DO PRINCÍPIO POR CAXIAS

No Maranhão, Caxias traçou uma norma de conduta pessoal, seguida nas demais províncias onde atuou e que responde em grande parte pelo seu sucesso. Escreveu ele em sua primeira proclamação: "Maranhenses! Mais militar que político, eu quero até ignorar o nome dos partidos que por desgraça entre vós existam!".

Da maneira como atuou na "Balaiada" encontramos dois expressivos testemunhos. João Lisboa, redator do órgão liberal "Crônica Maranhense", declarou o seguinte: "O senhor Luis Alves de Lima e Silva é essencialmente estranho às intrigas políticas. Na sua última como na sua primeira proclamação ele nos afiançou a sua neutralidade, a qual tem guardado tão escrupulosamente, que, até se há recusado o provimento de certos lugares vagos, só para não ofender suscetibilidades, quer de um, quer de outro lado".

O Visconde de Araguaia, que foi seu Secretário de Governo no Maranhão, dá-nos outra prova não menos eloquente de sua neutralidade: "Sua política é franca e liberal, conciliadora e previdente, e a ele se deve a pronta extinção da rebelião, que bastante elementos tinha para se prolongar. Por sua severa economia poupou à Fazenda grandes e copiosas somas; nunca foi contraditada a sua justiça, nem levemente alterada a sua premeditada imparcialidade."

Em Minas e em São Paulo, Caxias utilizou o mesmo procedimento, valendo-se dos mais capazes para ajudá-lo na obra de pacificação, sem lhes indagar a cor partidária.

No Rio Grande do Sul levou a sua audácia muito mais longe. Atraiu para servir sob suas ordens a Bento Manuel, o inconstante líder farroupilha, que abandonara mais uma vez as hostes da insurreição. Criticado pelo Ministro da Guerra por seu ato de pura temeridade, responde-lhe, com a consciência plena do risco calculado que corria: "Eu julgo como V. Ex.^a impolítico o dar comando a Bento Manuel e, muito menos, antes de ele ter dado provas de sua contrição; porém, creio também que ele me vai ser muito útil naquilo que me falta, que é conhecimento prático do terreno; e, com suas relações na campanha, espero obter mais gente de cavalaria

e cavalos." O futuro iria dar completa razão a Caxias. Apesar das críticas apaixonadas, feitas ainda hoje ao grande sorocabano, Bento Manuel era o mais competente chefe militar farroupilha: as principais vitórias da longa luta, quer do lado imperial como dos farrapos, foram obtidas sob o seu astuto comando.

Como constatamos, na prática, Caxias deu largo emprego ao princípio da "Primazia do Político". A diferença fundamental é que ele se considerava um representante do Império e não delegado de qualquer partido. Praticou a Política maiúscula do estadista, orientada pelos interesses nacionais, alheia, portanto, a questiúnculas regionais.

3.a.2 — *Princípio da Direção Única*

Para obter êxito a contra-insurreição deve ter o seu planejamento centralizado e a execução descentralizada. Como as situações se apresentam normalmente fluidas, onde é difícil definir quando devem prevalecer as medidas políticas ou as militares, é de toda conveniência que o poder decisório esteja enfeixado nas mãos de um só homem, seja ele civil ou militar. Caso contrário, surgirão os inevitáveis melindres de autoridade, a dubiedade de comando, com sensível prejuízo para a contra-insurreição.

EMPREGO DO PRINCÍPIO POR CAXIAS

Compreendendo a íntima relação entre os aspectos políticos e militares na contra-insurreição, cuja solução é pré-requisito para o êxito da causa legal, Caxias sempre obteve, antes, sempre exigiu o poder civil e o militar. No Maranhão, em Minas Gerais e no Rio Grande do Sul teve carta branca para agir, acumulando os cargos de Presidente da Província e Comandante das Armas. Somente em São Paulo não exerceu a presidência, seguindo, mesmo assim, como Vice-Presidente, como uma alternativa para substituir a Monte Alegre, caso necessário. Foi a utilização do princípio da Direção Única um dos fatores que mais concorreram para o sucesso de sua missão.

3.a.3 — *Princípio da Liderança Capaz*

O chefe da contra-insurreição deve ser capaz e resoluto. Capaz, pela compreensão global do problema com que se defronta: quais as raízes da crise, qual a estratégia e tática de seu adversário, que soluções poderá pôr em prática para resolvê-las. Resoluto, no sentido de conservar a iniciativa das ações, através de atitudes ofensivas e dinâmicas, guiado pela convicção íntima da justiça e superioridade da causa legal.

EMPREGO DO PRINCÍPIO POR CAXIAS

Falar da capacidade de liderança de Caxias seria tão óbvio que o tópico dispensaria qualquer comentário. Apenas para seguirmos o roteiro que nós traçamos, apresentaremos um importante testemunho. Quando servia sob as ordens de Caxias o grande patriota Davi Canabarro, por sinal, o mais competente chefe revolucionário a quem ele combateu, este declarou, ao assistir Caxias tomar uma importante decisão: "Agora sei, General, porque jamais conseguí derrotá-lo. O senhor conhece todas as artimanhas que conheço e muitas outras de que jamais cogitei."

3.a.4 — *Eliminação das Causas da Insurreição*

A contra-insurreição deve levar em conta que, nos estágios iniciais do conflito, as causas ou bandeiras de luta são, na maioria das vezes, as armas mais poderosas com que conta a rebelião. Uma atuação governamental eficaz, preocupada em corrigir as contradições internas existentes nos diversos setores e fundamentada no desejo sincero de resolvê-las, é meio caminho andado para o êxito da causa legal. A medida que são postas em prática soluções acertadas, a insurreição é esvaziada em suas motivações e estaciona ou se extingue por completo.

EMPREGO DO PRINCÍPIO POR CAXIAS

Como Presidente de Província e Comandante das Armas, Caxias, ao mesmo tempo em que cuidava do governo civil e desenvolvia as operações militares, atacava com denodo as causas sócio-econômicas da insurreição.

No Maranhão, com escassos recursos, promoveu a navegação do Mearim e do Itapecuru, abriu o canal Mojó, organizou e corrigiu o mapa da Província, reorganizou o serviço de correios, restaurou as finanças e recuperou o porto da Capital. Sua atuação foi sintetizada na expressão feliz do historiador maranhense Astolfo Serra, quando registrou: "E, o que é mais curioso assinalar, é que Caxias tocou, durante pouco mais de um ano em que governou o Maranhão, problemas de tamanha relevância para a vida e o desenvolvimento daquele povo, que até hoje aqueles problemas, estudados uns, iniciados outros, constituem o fulcro nuclear da prosperidade econômico-social da região". Brígido Tinoco, um dos seus biógrafos, complementa essas palavras e as confirma, através de uma síntese perfeita: "Seu governo, de pouco mais de um ano, talvez tenha sido o mais fecundo, em todos os tempos, nas terras do Maranhão."

No Rio Grande do Sul o seu governo civil foi igualmente notável. Visando fortalecer a economia gaúcha exaurida pela guerra, restabelece o comércio do interior com a capital da província e, logo a seguir, com o Rio de Janeiro. Essas providências, aliadas ao combate sistemático ao contrabando, aumentam consideravelmente a arrecadação da alfândega e possibilitam à população adquirir os gêneros de uso comum — tecidos, ferramentas e comestíveis — de que se achava privada há bastante tempo.

Além dessas medidas de efeito imediato, preocupou-se com outras de longo alcance. Determinou a melhoria do canal de São Gonçalo, a limpeza do Rio Vacacaí até São Gabriel e a destruição das cachoeiras que obstavam a navegação do Rio Jacuí. Para que se tenha uma idéia do alcance e importância de suas cogitações, citemos um documento da época, em que Caxias afirma: "Para que seja navegável todo o interior da Província, bastaria, por meio de um canal, estabelecer-se a comunicação do Vacacaí ao Rio Santa Maria, desde São Gabriel até o passo de São Borja ou da Lagoa."

3. a. 5 — *Interdição do Apoio Externo*

A eliminação do apoio externo ao insurreto, seja político, moral, técnico, financeiro ou mesmo militar, é outra consideração importante a ser levada em conta pelo governo legal. Nas regiões fronteiriças a situação torna-se ainda mais grave, uma vez que os rebeldes podem estabelecer bases ou "santuários" além fronteira, protegidos de qualquer represália. Cabe, portanto, à contra-insurreição, atuar enérgica e inteligentemente, através da diplomacia ou do controle físico das fronteiras por tropas militares, de modo a extinguir esse poderoso fator adverso.

EMPREGO DO PRINCÍPIO POR CAXIAS

A ação de Caxias deixa patente a sua preocupação de isolar os rebeldes de qualquer tipo de auxílio. No Maranhão, segundo Eudoro Berlink, tomou uma série de providências nesse sentido. Enviou reforço de gente, armamento e dinheiro a Paranaguá, a fim de evitar o alastramento da revolta ao Piauí. Solicitou ao Presidente do Pará que guarnecesse a margem esquerda do Tocantins, para evitar a fuga dos revoltosos de Pastos Bons para aquela região e, finalmente, ordenou que uma partida fosse restabelecer a ordem em Carolina, província de Goiás.

Nas revoluções de Minas e São Paulo estabeleceu cobertura de suas forças face o Sul, ocupando regiões-chaves, de passagem obrigatória, prevenindo qualquer ajuda aos insurretos da parte dos indômitos farroupilhas.

No Rio Grande do Sul, ligou-se ao governo de Santa Catarina e obteve o seu apoio para barrar qualquer auxílio oriundo do Norte, além de bloquear a fuga dos rebeldes naquela direção. Vigiou permanentemente as lagoas, principalmente a entrada da Lagoa dos Patos. Compreendendo a importância fundamental da cidade do Rio Grande, guarneceu-a devidamente e isolou os revoltosos do Atlântico. Além disso, procurou eliminar todas as vantagens que os farroupilhas vinham obtendo na fronteira. Em primeiro lugar,

pagando aos estancieiros uruguaiois um preço melhor para os seus cavalos, conseguiu superar os rebeldes em fator decisivo da campanha e, a seguir, agindo diplomaticamente junto a Oribe, pôde dificultar-lhes as constantes fugas para o Uruguai.

3. a. 6 — *Emprego da Guerra Psicológica*

Entende-se por Guerra Psicológica o emprego planejado da propaganda e a exploração de outras ações, com o objetivo de influenciar opiniões, atitudes e comportamentos de grupos adversos ou neutros, de modo a apoiarem os objetivos nacionais. Na contra-insurreição, embora fosse mais conveniente denominá-la Ação Psicológica, ela visa os seguintes objetivos:

- Obter, conservar e fortalecer o apoio dos civis amigos.
- Prevenir o apoio civil à insurreição.
- Captar a confiança dos neutros e simpatizantes.
- Fortalecer o moral das forças legais.
- Induzir à deserção e à rendição.
- Provocar dissidência entre os chefes adversários e descontentamento nas fileiras inimigas.

EMPREGO DO PRINCÍPIO POR CAXIAS

A ação pacificadora de Caxias esteve sempre impregnada de um profundo sentido psicológico. Apresentaremos apenas alguns exemplos de Guerra Psicológica e Ação Psicológica, tal qual as entendemos hoje, empregados com conhecimento de causa pelo insigne soldado. A sua compreensão do problema está presente nas seguintes situações:

- Quando pautou a sua conduta dentro de uma absoluta neutralidade partidária, desarmando os espíritos para a pacificação.
- Quando teve a coragem moral de aproveitar diversas "oportunidades psicológicas" para conceder ampla

anistia aos rebeldes. Com isso, permitiu-lhes o retorno à vida normal, desfalcou as fileiras rebeldes e incorporou os melhores às suas tropas.

- Quando, ao contrário de seus predecessores, conseguiu manter o moral e a disciplina de suas tropas no mais elevado grau.
- Quando obteve a rivalidade entre as facções por meio de ardis.
- Quando atraiu vários líderes de prestígio para a causa legal.
- Quando utilizou essa poderosa arma psicológica — o boato — seja para aquebrantar o moral inimigo, seja para desorientá-lo quanto às suas verdadeiras intenções.
- Finalmente, quando, agindo com compreensão, tolerância e respeito para com a população civil, acabou por conquistá-la para a causa legal, objetivo último da contra-insurreição.

Essa preocupação de Caxias pelos aspectos psicológicos já foi percebida, aliás, por inúmeros estudiosos de nossa História. Astolfo Serra, já citado por nós, declara: "Caxias compreendeu que o ódio não era só dos partidos, mas, antes, de famílias e, psicólogo, resolveu agir, primeiramente pacificando os ânimos, para, depois, pacificar os rebeldes". O historiador Souza Doca afirma, no mesmo sentido: "Caxias, com intuição profunda das coisas, com perfeito conhecimento da alma brasileira e sentindo o espírito patriótico dos rio-grandenses, falou aos farroupilhas." O grande historiador gaúcho, Walter Spalding, complementa com propriedade: "O Barão de Caxias é uma figura insinuante. Sereno e enérgico, bondoso e afável, psicólogo profundo, desde o momento em que pôs os pés nas coxilhas gaúchas viu que estava tratando com gente diferente." Em outro trecho de seu magnífico trabalho, "A Epopéia Farroupilha", acrescenta: "Caxias foi o único dos brasileiros, inclusive alguns rio-grandenses, que compreendeu os legendários farroupilhas. Foi o único que penetrou no seu íntimo, que sondou as feridas, e que

soube procurar o remédio para curá-las e aplicá-lo no devido momento. É que, além de guerreiro, era diplomata e patriota e, além disso, psicólogo." Também Afonso de Carvalho, um dos seus melhores biógrafos, percebeu essa qualidade do brilhante cidadão, quando declarou: "Caxias joga sempre com o conhecimento psicológico do adversário."

3. b — *Princípios Táticos e Operacionais*

Analisados de modo sintético os princípios estratégicos da contra-insurreição e constatado o seu emprego por Caxias, passaremos a apreciar os princípios táticos e operacionais, seguidos de sua utilização pelo Patrono do Exército Brasileiro.

3. b. 1 — *Operações Tipo Polícia*

Operações Tipo Polícia são as medidas e providências executadas pelas Forças Armadas, forças auxiliares ou pela própria população, com os seguintes objetivos: Controle físico da população e segurança da tropa, das instalações, das vias de transporte e dos núcleos urbanos.

EMPREGO DO PRINCÍPIO POR CAXIAS

Percebendo a importância das cidades e vilas na condução das medidas de contra-insurreição, seja pelo acúmulo de recursos de toda ordem, seja pela concentração populacional e influência das áreas rurais vizinhas, Caxias sempre procurou ocupá-las, de imediato, a fim de utilizá-las como pontos de apoio de suas operações. Compreendeu que era imperioso guarnecer vilas, povoados, cidades, fortalezas e vias de comunicação, para controlar a população e os recursos ali existentes e para proteger os efetivos militares presentes.

No Maranhão, uma das suas primeiras providências foi ordenar ao Coronel Sérgio que ocupasse Caxias, a "Princesa do Sertão", que fora abandonada pelos revoltosos. Seguiu-se a ocupação de pontos estratégicos, como Vargem Grande, Pastos Bons e Itapecuru. As vitórias de Jacarandá e Passagem Franca restabelecem as comunicações com o Piauí e, aos poucos, todo o Maranhão foi ocupado por suas forças.

O processo adotado por Caxias, no Rio Grande do Sul, foi semelhante. Guarneceu as principais cidades, como Porto Alegre, Rio Grande, Rio Pardo e São Gabriel e, a seguir, começa a se aproximar da região fronteira, onde os rebeldes se proviam de fazendas, dinheiro, medicamentos e conserto do armamento. O anônimo autor das "Reflexões sobre o Generalato do Conde de Caxias" sintetiza perfeitamente o problema, quando declara: "Todos os recursos com que contava a rebelião no ano de 1843, os tirava das povoações e todos os misteres para a guerra ali se fabricavam. Sendo estas ocupadas por forças nossas, eram tantas vantagens perdidas para os dissidentes".

A guarda permanente dos núcleos populacionais, através do "escalão de ocupação", possibilitava o restabelecimento do poder civil, o socorro aos habitantes flagelados pela guerra, impedia o retorno dos insurretos e ganhava a confiança da população e a sua gratidão pela proteção recebida.

3. b. 2 — *Operações Ofensivas de Combate*

O caráter fluido e especial da contra-insurreição exige que o seu comandante conserve sempre a iniciativa das ações. Constantemente devem ser empregadas as operações ofensivas a fim de localizar, inquietar e destruir as forças rebeldes.

Embora, em linhas gerais, a tática militar clássica permaneça válida, há necessidade de certas adaptações, muita imaginação e flexibilidade de raciocínio, para a obtenção do sucesso. A adoção rígida e imutável dos princípios convencionais poderá conduzir ao fracasso, como em Dien Bien Phu, e a fixação em posição igualmente extremada — a imitação completa dos processos revolucionários — também está fadada ao insucesso, como aconteceu na Argélia.

EMPREGO DO PRINCÍPIO POR CAXIAS

Caxias compreendeu perfeitamente o caráter peculiar da guerra que enfrentava e adaptou o seu exército às situações encontradas. No Maranhão, denominou as suas tropas de "Divisão Pacificadora do Norte" e organizou três fortes colunas, para atuar nas regiões mais importantes da Província: a de Caxias, a do Brejo e a de Icatu. Depois, sentindo-se

seguro, mandou que as colunas destacassem partidas ligeiras — as nossas patrulhas de hoje — a fim de localizar, inquietar e destruir o inimigo, uma vez que constatará a impossibilidade deste batê-lo por partes.

Foi um precursor em empregar a guerrilha contra a guerrilha. Condiçãoou a anistia de muitos rebeldes a um prévio combate a outros bandos que infestavam a região. Conseguiu atizar os "balaios" contra os escravos do preto Cosme e fez com que se hostilizassem abertamente. Aceitou a rendição de bandos inteiros, comandados por chefes de prestígio na revolta e enquadrou-os nas suas tropas para combater os antigos comparsas. No Rio Grande, lançou mão de valorosos guerrilheiros, como Bento Manuel, Juca Ourives, Francisco Pedro e muitos outros, pois estes "práticos da Campanha" conheciam todas as minúcias daquele tipo de guerra, além dos usos e costumes dos seus eventuais adversários.

Empregou pela vez primeira o que hoje chamamos de Forças Especiais, isto é, a utilização do militar profissional para orientar grupos de guerrilheiros. É o que se pode deduzir do ofício que lhe foi dirigido pelo Major Feliciano Antônio Falcão, um de seus comandantes de coluna no Maranhão, onde o citado oficial declara, textualmente: "Ao Capitão de Guerrilhas, Domiciano José Aires, se devem os resultados que menciono, pelo perfeito desempenho que deu às minhas ordens."

No Rio Grande do Sul o tipo de combate era ainda mais difícil. Hernani D'Aguiar mostra-nos o caráter singular daquela guerra, ao afirmar: "Inferiorizados em força, logo após a primeira fase da operação, viram-se os farrapos na contingência de apelar para a "petite guerre", evitando o choque com as forças da legalidade, só o realizando em última instância ou na certeza de vitória compensadora. Foi, sim, uma Guerra Irregular, onde campeou, soberana, absoluta — a guerrilha."

Como Caxias enfrentou essa complicada situação? Um estudioso dá-nos a resposta: "Procura a forma de combate mais adequada à sua missão: se o inimigo se divide, divide-se ele; se se aligeira, aligeira-se ele; se reúne as suas forças, reúne as dele."

Caxias age com rapidez e energia em suas ações. Ao contrário de seus antecessores, desencadeia tenaz perseguição aos farrapos durante todo o inverno. Não lhes permite descanso após os combates para cuidar das lides agrícolas, como era comum até a sua chegada. Colocando uma coluna em cada margem do rio Santa Maria, limita grandemente a ação dos rebeldes, que o cruzavam seguidamente, quando se encontravam em desvantagem. Durante o seu comando os rebeldes somente tiveram um triunfo de vulto, a "surpresa de São Gabriel", assim mesmo durante a sua ausência e face as indecisões do inábil Coronel Jacinto Pinto. As vitórias decisivas de Porongos e Ponche Verde seriam o coroamento de sua atuação militar e abririam o caminho para a tão aguardada pacificação.

3. b. 3 — *Sistema de Informações Eficiente*

Se as informações desempenham um papel fundamental na guerra clássica ou convencional, tornando-se mesmo um dos fatores da decisão, com maior razão elas influem na contra-insurreição. Nesse tipo de guerra a população desempenha um papel decisivo. As informações são muito mais difíceis de obter e interpretar e dependem, basicamente, do grau de controle exercido sobre a população e do apoio prestado por esta à causa legal.

EMPREGO DO PRINCÍPIO POR CAXIAS

Caxias estabelecia uma ampla cadeia de informantes para ficar a par do que se passava entre os seus adversários e cercava-se de muita precaução contra a espionagem inimiga. Encontramos um depoimento do próprio general, em carta remetida do Maranhão à sua esposa, onde declara: "Tenho tido notícias, pelos meus espias, que a intriga que havia feito espalhar entre os rebeldes tinha feito o que eu desejava, isto é, que eles desconfiassem uns dos outros e se principiassem a bater mutuamente." Vemos, através do mesmo exemplo, a utilização correta da Informação e da Contra-Informação, com o emprego de agentes infiltrados entre os revoltosos.

Na Revolução Farroupilha, as informações foram largamente utilizadas, conforme se constata da narração de Tasso Fragoso: "O Serviço de Informações estava muito bem organizado, quando se atenta nos limitados recursos da época. Obtinham-se informes dos moradores; utilizavam-se bombeiros e agentes secretos; e até se introduziam espões nas fileiras inimigas, sob a aparência de desertores. Algumas vezes, a apreensão da correspondência levada pelos estafetas permitiu conhecer as intenções momentâneas do adversário."

Atento ao problema das Informações, Caxias tomou inúmeras medidas preventivas para não ser surpreendido pelo inimigo. Convencido de que havia espões dos farrapos no seu próprio exército, muitas vezes divulgava as suas decisões com grande aparato para chegarem ao conhecimento do inimigo. Logo no início de sua atuação, desejando recolher em São Gonçalo 5.000 cavalos que adquirira, sem aceitar combate com o inimigo, fez propalar o boato de que dividiria o seu exército em duas colunas, para atuar nas regiões de Rio Grande e Rio Pardo. Canabarro e Neto deslocaram-se para essas regiões e ele pôde recolher os animais e reunir-se ao grosso em Cachoeira, sem avistar-se com o inimigo e sem disparar um só tiro. Em inúmeras outras ocasiões anunciava uma direção de marcha, mas, no momento oportuno, seguia em direção contrária, o que inutilizava os planos dos rebeldes.

3. b. 4 — *Emprego da ACISO*

ACISO é a contribuição prestada pela força militar ao desenvolvimento local, visando minimizar os problemas sócio-econômicos da área, sem prejuízo da eficiência militar da tropa.

EMPREGO DO PRINCÍPIO POR CAXIAS

No Maranhão, Caxias realizou diversas melhorias em praças e logradouros públicos da capital. Mandou restaurar igrejas, ordenou reparos no Liceu Maranhense, criou colônias agrícolas e uma colônia de índios no Mearim. Além disso, estimulou o ensino primário com o oferecimento de prêmios aos melhores alunos.

Na Revolução Farroupilha, procurou dar um tratamento respeitoso para as mulheres e tinha especial atenção para com os mais humildes. Ordenou que fossem abatidas mais reses que as necessárias ao sustento da tropa, a fim de fornecer alimentação às pessoas sem recursos. Resolveu também que os uniformes da tropa fossem confeccionados pelas mulheres das diversas cidades, independente do partido do chefe de família. Elas receberiam o preço justo pelo seu serviço, à boca do cofre, logo após terem feito a entrega do fardamento.

3.b.5 — *Conquista do Apoio Popular*

A conquista do apoio popular é condição "sine qua non" para o sucesso da contra-insurreição, a ponto de muitos estudiosos considerá-la o último e decisivo objetivo de toda a ação legal. O que é indiscutível é que para onde se inclinar a simpatia da população, irá igualmente o fiel da vitória.

Não é por outra razão que as famosas regras de Mao Tsé-Tung dão tamanha importância ao tratamento cordial da população e, mais recentemente, os "doze pontos" de Westmoreland fixam normas de conduta para o convívio harmonioso com o elemento civil.

Sob o aspecto das relações com a população, a dramática e terrível diferença é que a insurreição é amoral, julgada pelo que promete, podendo lançar mão de todos os recursos, sem qualquer restrição moral. A contra-insurreição, ao contrário, é moral, deve pautar a sua conduta dentro da lei e da justiça, é julgada pelo que faz e, muitas vezes, pelo que deixa de fazer.

EMPREGO DO PRINCÍPIO POR CAXIAS

Na contra-insurreição, de que nos ocupamos, Caxias percebeu de imediato que a conquista da população estava diretamente relacionada com o tratamento dado por suas tropas aos habitantes. Para convencê-los de que a causa do Império era melhor do que a dos rebeldes, fazia-se mister demonstrar um nítido contraste entre o comportamento das tropas imperiais e o dos bandos rebeldes.

No Maranhão, Hernani Donato revela-nos como ele procedeu: "E, mais importante que a organização dos quadros, baixou ordem, em que estabeleceu os modos de conduta da tropa legal. Começava por proibir abuso ou violência e recomendava moderação e temperança. Para o desarmamento dos espíritos prevenidos, essa disposição liberal valeu tanto quanto uma batalha." O historiador Eudoro Berlink complementa com outra importante informação: "Nas operações de guerra, acabando com o sistema cruel com que as forças legais combatiam os rebeldes, conseguiu atraí-los para as suas fileiras. Com a clemência com que acolhia os passados, contrastando assim com o proceder das anteriores campanhas, principiaram a enfraquecer as colunas da rebelião e a aumentar as legais."

No Rio Grande do Sul a sua norma de conduta foi sempre a mesma. O autor das "Reflexões", testemunha da campanha, declara o seguinte: "Se o General exigia o cumprimento exato dos deveres de suas tropas, quando elas se achavam em perseguição do inimigo, era, por assim dizer, inexorável sobre a execução das ordens que lhes dava, quando elas iam ocupar ou estacionar-se em alguma povoação. A mais pequena falta era punida pronta e severamente. Os comandantes das forças de ocupação tinham uma restrita recomendação do General, para não deixarem insultar por seus soldados nenhum habitante, sob pena de sua responsabilidade pessoal: e essa exigência, além de ser justíssima, contribuiu muito para legalizar os rebeldes."

A preocupação com os prisioneiros de guerra era constante em sua ação de comando. Hernani Donato descreve com precisão o problema: "A sua ordem peremptória no sentido de que nenhum prisioneiro fosse degolado, em quaisquer circunstâncias (e a degola de prisioneiros era a regra pura e simples de todas as guerras campeiras), fez com que dezenas de valentes rebeldes, só por isso, depusessem as armas." Convém salientar, aliás, que, sob esses aspectos, Caxias também foi um precursor. Somente muitos anos mais tarde, através da Convenção de Genebra de 1864, é que foram formuladas as primeiras Leis da Guerra, estabelecendo proteção especial para a população civil e os prisioneiros de guerra. A

explicação de sua conduta humanitária está na retidão de um caráter bem formado e nas suas profundas convicções cristãs.

Podemos, pois, afirmar que o comportamento de Caxias face a população foi o que se deveria esperar de um chefe militar autêntico. E essa conduta foi sintetizada na expressão feliz de Brígido Tinoco, quando afirma: "A expressão militar do Comandante-Chefe e a atitude moral no repelir a indisciplina dominavam inteiramente o meio."

A História registra o êxito completo obtido por Caxias na conquista do apoio popular cognominando-o "O Pacificador", o título mais significativo dos muitos que recebeu e que sintetiza toda a sua vida e a sua obra. Pacificar é restabelecer a ordem, acalmar os últimos exaltados, ganhar a confiança e a estima das populações, reconstruir a vida das áreas sublevadas, mas, sobretudo, unir irmãos, incompatibilizados momentaneamente, na grande família nacional. A grande prova de que Caxias conseguiu pacificar foi a extinção das revoltas sem deixar raízes, o respeito e a consideração das populações que pacificou, traduzidos na sua escolha para os cargos eletivos.

4 — APRECIÇÃO SINTÉTICA

A atualidade e a importância do tema Contra-Insurreição levou-nos a focalizar, sob essa ângulo, a magnífica obra de Caxias em prol da unidade nacional. Assim o fizemos, levados pela constatação de que, enquanto a sua atuação na Guerra Convencional e Externa tem sido devidamente estudada, por outro lado, a sua participação na Guerra Irregular constitui rico filão de ensinamentos ainda inexplorado.

Julgamos ademais que, em nossos dias, quando a insurreição é uma forma de pressão na política internacional, tal preocupação com o tema se justifica plenamente. Porque a Insurreição, definida pela verve de um general francês, como sendo "a estratégia de um contra dez, a tática de dez contra um e a guerra psicológica de um contra mil", continua sendo o "calcanhar de Aquiles" de muitos generais nos dias de hoje,

como o foi no passado. Ela tem se constituído no epitáfio de brilhantes reputações guerreiras, porque muitos foram incapazes de compreender a sua estratégia e tática flexíveis, as suas conotações políticas e psicossociais.

Caxias, ao revés, compreendeu o problema da insurreição em toda a sua extensão e profundidade. Adiantando-se de um século à arte militar de seu tempo, percebeu as implicações políticas, sociais e econômicas do problema, convenceu-se de que a ação militar era apenas uma parcela da contra-insurreição e nem sempre a de maior importância. Quando referindo-se aos farroupilhas declarou que "pelas armas não se vence a tais homens", revelou entender que a solução "manu militari" era imperfeita e transitória, por incidir não sobre as causas mas sobre os efeitos da insurreição.

O abandono dessas preciosas lições de Caxias, sepultadas na poeira dos arquivos, levou-nos a constantes repetições dos mesmos erros praticados por seus predecessores. Dentre todos, o desastre de Canudos desponta como exemplo de falta de descortino e improvisação, cuja repetição devemos evitar a todo custo.

Aprendamos, agora e sempre, também na contra-insurreição, os preciosos ensinamentos de Caxias. Porque nós entendemos que há de ser no estudo aprofundado de nosso passado onde iremos encontrar bases seguras para estabelecer uma Doutrina Brasileira de Contra-Insurreição.

Realizando um confronto entre a ação pacificadora de Caxias e a atual doutrina de contra-insurreição, procuramos demonstrar honestamente, através da pesquisa histórica, que o nosso Patrono empregou os princípios preconizados atualmente para o sucesso da contra-insurreição.

5 — CONCLUSÃO

Encontramo-nos aqui reunidos, civis e militares, brasileiros de todos os credos e de várias profissões, irmanados pelos laços do civismo, para rendermos justas homenagens ao valoroso Duque de Caxias.

Julgamos bastante significativo que este culto patriótico tenha lugar na Bahia, mais precisamente, na formosa, tradicional, culta, heróica e cívica Cidade de Salvador. Assim o dizemos porque a Bahia representa um marco bastante significativo na vida de Caxias: foi nas plagas heróicas do Recôncavo que o maior soldado do continente fez o seu aprendizado de guerreiro. Como Tenente do Batalhão do Imperador, Caxias participou da epopéia libertadora e gloriosa, escrita nas terras da Bahia, com o sangue generoso de seus filhos e colimada de êxito a 2 de julho de 1823.

Neste ano cívico do Sesquicentenário da Independência, quando evocamos o feito máximo de nossa emancipação política, é mais do que justo e oportuno lembrar o seu batismo de fogo em solo baiano. A parte de combate de seu comandante declara textualmente: "Na primeira ação, à testa de uma companhia, atacou uma casa-forte onde o inimigo estava entrincheirado e o fez retirar com perdas, perseguindo-o até metê-lo nas suas linhas. Nos dias de fogo, comparecia nos lugares de maior perigo, mostrando sua exemplar bravura." Poderia haver melhor prólogo para a carreira brilhante do General Invicto?

Pela sua notável atuação na Bahia, foi incluído na lista dos recomendados à justiça do Imperador, entre os "Oficiais de Primeira Classe em Distinção", com a seguinte referência elogiosa: "A sua bravura e habilidade concorreram muito para o bom êxito das operações e devem merecer a alta consideração de sua majestade imperial".

Essas as razões por que a Bahia, cívica e generosa, não se poderia omitir durante as homenagens ao nobre soldado. Por isso, lembremos ainda que este cidadão ilustre, que galgou pelo mérito todas as posições na vida pública e na militância e delas não se envaidecia, este homem singular e simples somente fazia questão de um título. Gostava de ser chamado de "veterano da Independência" e guardava com especial carinho a primeira condecoração conquistada na Bahia, por bravura, a "Medalha da Restauração da Bahia".

Por todas essas razões, (o Lions Clube de Salvador — Itapáipe se faz presente) é justa a consagração desse

homem-símbolo, paradigma de todas as virtudes do Soldado e do Cidadão. A sua vida toda é um dignificante exemplo do Servir, a Deus, à Pátria, à Família e à liberdade e congraçamento dos povos.

Juntamente com a nossa homenagem ao Patrono, rendemos igualmente o nosso respeito e a nossa gratidão ao glorioso Exército Brasileiro, que, através de nossa História, tem cumprido com desassombro o seu papel, inspirado no vulto luminar e nas lições imorredouras de Caxias.

Finalizando, que as minhas últimas palavras sejam dirigidas ao Grande Cidadão Luís Alves de Lima e Silva.

Descansa em paz, Grande Herói Tranquilo!

Descansa em paz, Pacificador!

Porque poucos homens conseguiram o que alcançaste:

“A justiça de Deus na voz da História!”

